

Questões relativas às representações gráficas das consoantes fricativas sibilantes no português brasileiro

Issues related to graphic representations of sibilant fricative consonants in Brazilian Portuguese

Carlos Vinícius Silva

Aluno do sexto período do curso de Letras da Universidade Federal de Lavras (UFLA).
E-mail: carlos.silva2@letras.ufla.br

Gisela Márcia Miarelli Pardini

Aluna do sexto período do curso de Letras da Universidade Federal de Lavras (UFLA).
E-mail: gisela.pardini@letras.ufla.br

Resumo: O presente trabalho pretende, a partir de Bechara (2009) e de Silva (2015), apresentar a multiplicidade de formas gráficas que representam os sons consonantais fricativos sibilantes da língua portuguesa brasileira. E, em seguida, objetiva-se discutir os problemas decorrentes dessa pluralidade de representações, destacando a quase ausência de aspectos científicos presentes nas convenções ortográficas da principal língua falada no Brasil.

Palavras-chave: Ortografia. Fonética. Gramática. Consoantes sibilantes. Português brasileiro.

Abstract: The present work intends, from Bechara (2009) and Silva (2015), to present the multiplicity of graphical forms that represent the sibilant fricative consonant sounds of the Brazilian Portuguese language. And then, we aim to discuss the problems arising from this plurality of representations, highlighting the almost absence of scientific aspects present in the orthographic conventions of the main language spoken in Brazil.

Keywords: Spelling. Phonetics. Grammar. Sibilant consonants. Brazilian Portuguese.

1 Considerações iniciais

Desde Saussure, com o *Curso de Linguística Geral*, publicado originalmente em 1916, os estudos científicos sobre as línguas avançaram de uma forma surpreendente. Durante o século XX, estudiosos, inicialmente, de países economicamente bem-desenvolvidos, e, posteriormente, de países em desenvolvimento, obtiveram grandes avanços em áreas como a fonética, a semântica, a sintaxe e a morfologia, e contribuíram para o surgimento de outros campos de estudo bastante promissores, como a sociolinguística, a pragmática e a análise do discurso. Enfim, a linguística como ciência tem contribuído de várias formas para ampliar e valorizar nosso conhecimento sobre o real funcionamento das línguas.

No entanto, ao menos no Brasil, uma parte muito importante da linguagem não tem sido significativamente afetada pelo avanço das ciências linguísticas – a ortografia. Podemos observar grandes mudanças em nosso entendimento linguístico. Temos repensado a forma de concebermos a morfossintaxe da língua, compreendido e adaptado os significados formais dos léxicos, e ampliado nosso repertório

sociolinguístico, mas pouco ou nada temos aproveitado dos estudos linguísticos para tornar nosso sistema ortográfico próximo do que uma metodologia científica reconhecida poderia vir a aceitar como válido.

Por isso, o presente trabalho pretende tratar de um fragmento da ortografia da língua portuguesa, alicerçando-se em Bechara (2009) e em Silva (2015) e resgatando aspectos importantes do histórico da influência da fonética na ortografia da língua portuguesa (MATEUS, 2006), ao apresentar, sem entrar desnecessariamente em regras de escrita, a multiplicidade das representações gráficas dos sons consoantes fricativas sibilantes presentes no português brasileiro, e, a partir desse levantamento, refletir sobre os problemas do distanciamento entre o sistema ortográfico do nosso idioma e as metodologias científicas utilizadas em tantas outras áreas dos estudos linguísticos, mantendo o foco das críticas nas incoerências, na ausência de critérios claros e sólidos e nas consequências desse distanciamento, sem, no entanto, abordar especificamente quaisquer metodologias de pesquisa linguística.

Com isso, podemos observar que este trabalho justifica-se pelas suas intenções socioeducacionais e científicas, visto que a reflexão sobre o tema faz-se importante por conta das prováveis consequências de a ortografia praticada no Brasil não condizer com a realidade de uso da língua portuguesa falada em território nacional: atraso no aprendizado da modalidade escrita da língua materna, preconceito linguístico e, conseqüentemente, prejuízo à autoestima de parte da população. Além dessas motivações psicossociais, conforme avançam os estudos linguísticos, há ainda a necessidade de se modificar as convenções da língua em direção ao conhecimento científico, para que a linguagem escrita deixe de ser um elemento retrógrado em uma sociedade de tendência intelectual progressista.

2 Interseções fonológicas e ortográficas na história da língua portuguesa

Segundo Mateus (2006), a língua portuguesa teria surgido, de fato, por volta do século XII. Nesse início, a língua ainda não possuía um sistema ortográfico próprio, o que teria levado os escribas, em suas atividades, a tentarem ao máximo imitar fielmente os sons utilizados no recém-nascido idioma português. No entanto, um pouco mais tarde, com o Renascimento, quando a cultura clássica passou a exercer grande influência sobre os povos medievais, a escrita portuguesa deixou de seguir sua natureza e tomou para si, equivocadamente, uma série

de letras existentes nos étimos latinos ou gregos (como o *-c* em *fecto*, de *factu-*), o emprego de consoantes duplas (que encontramos, por exemplo, em *fallar*), ou a ocorrência de dígrafos *ph*, *ch*, *th* e *rh* (que se mantiveram longos anos em *pharmacia*, *lythografia*, *Matheus*). (MATEUS, 2006, p. 163)

A introdução de elementos desse tipo na ortografia do português foi fortemente questionada já pelos seus primeiros gramáticos, como Fernão de Oliveira (1536), que afirmava que “*ph* nem *ps* nunca as ouvimos em nossa linguagem nem nas auemosmester” (OLIVEIRA, *apud* MATEUS, 2006, p. 163).

Desse modo, as discussões sobre a gramática persistiram pelos séculos seguintes, gerando polêmicas. De acordo com Mateus (2006, p. 165), entre os séculos XIX e XX, os pensadores mais conservadores eram acusados de “subserviência aos clássicos, censura de barbarismos e preferência do literatismo em prejuízo da ciência”, enquanto o lado oposto era acusado de “delitos contra a gramática, o bom senso e a salubridade pública”.

Essa discussão, apesar de não ter atendido plenamente a nenhum dos lados, resultou em algum progresso. Na primeira reforma ortográfica da língua portuguesa europeia, em 1911, foram eliminados os dígrafos de origem grega, simplificadas as consoantes duplas, com exceção de *rr* e *ss*, e eliminadas algumas consoantes não pronunciadas, entre outras coisas. Essa primeira reforma desencadeou várias outras, entre elas, a de 1986, fracassada, que pretendia eliminar as diferenças de escrita entre Brasil e Portugal, objetivo este que só foi alcançado, parcialmente, com a reforma de 1990/2009.

Em algumas das reformas entre a de 1911 e a de 1990/2009, pretendeu-se tornar a língua escrita uma correspondente ideal para a falada, mas, por resistência etimológica do próprio idioma, esse objetivo foi tomado como inapropriado, apesar de jamais ter sido comprovado como impossível.

3 As consoantes fricativas sibilantes presentes no português brasileiro e suas respectivas representações gráficas

O sistema fonético do português brasileiro, como pode ser observado em Silva (2015), conta com 29 sons consonantais relevantes para a descrição do idioma oficial do Brasil. Entre esses 29 sons, têm-se dez consoantes fricativas, que são “sons produzidos por uma fonte de ruído resultante da turbulência de ar gerada pela constrição do trato vocal” (HAUPT, 2007, p. 38), e, entre as fricativas, temos quatro chamadas sibilantes, duas de articulação dental ou alveolar, [s] e [z], e duas de articulação alveolopalatal, [ʃ] e [ʒ]. Existem, ainda, de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), outros sons que podem ser designados como pertencentes ao grupo dos sibilantes, mas apenas os citados estão presentes na língua portuguesa falada no Brasil.

As consoantes fricativas sibilantes possuem uma característica que as tornam mais difíceis de lidar em relação às outras consoantes da língua portuguesa: a multiplicidade de representações ortográficas para o mesmo som. Observemos, a seguir, o modo como isso acontece.

O som [s] possui, na língua portuguesa, dez formas escritas, *s*, *ss*, *sc*, *c*, *ç*, *sç*, *xc*, *x*, *xs* e *z*, o que o torna o fonema com mais representações gráficas da nossa língua.

Exemplos:

[s] representado com *s*: susto, estágio, estranho, espiar, salsinha.

[s] representado com *ss*: assunto, assalto, assado, assíduo, assassino.

[s] representado com *sc*: piscina, adolescente, nascer, ascender, obsceno.

[s] representado com *c*: ciclista, acerca, especial, acetona, acender.

[s] representado com *sç*: nasço, desço, cresço, nasça, desça.

[s] representado com *ç*: louça, função, alçar, justiça, obrigação.

[s] representado com *xc*: excesso, exceção, excepcional, excerto, excêntrico.

[s] representado com *x*: extraordinário, êxtase, expiar, extermínio, sintaxe.

[s] representado com *xs*: exsuação, exsurgir, exsicar, exsudato, exsudação.

[s] representado com *z*: nariz, arroz, paz, rapaz, imperatriz.

O som [z] também possui pluralidade em suas formas escritas, podendo ser representado de três formas distintas, *s*, *z* e *x*.

Exemplos:

[z] representado com *s*: asa, desejo, análise, esdrúxulo, confusão.

[z] representado com *z*: azedo, zangado, zoológico, buzina, cicatrizar.

[z] representado com *x*: exemplo, exercício, exílio, êxito, êxodo.

O som [ʃ], assim como acontece com o [z], possui três formas gráficas, *ch*, *sh* e *x*.

Exemplos:

[ʃ] representado com *ch*: chalé, charco, chuchu, achar, rocha.

[ʃ] representado com *sh*: show, shampoo, shopping, short.

[ʃ] representado com *x*: xarope, xerife, baixo, enxuto, faixa.

E o som [ʒ], o menos problemático dos fricativos sibilantes, é representado por duas formas escritas, *j* e *g*.

Exemplos:

[ʒ] representado com *j*: berinjela, janela, hoje, enferrujar, viajar.

[ʒ] representado com *g*: geada, estrangeiro, auge, ferrugem, viagem.

[ʃ] e [ʒ] podem também ser representados por *s* e *z*, em final de sílaba, em alguns dialetos específicos, como o do Rio de Janeiro.

Fazendo um movimento inverso, partindo da escrita para a fala, pode-se observar que a multiplicidade de representações gráficas para o mesmo som também apresenta peculiaridades a serem consideradas, como acontece no caso do *s* ortográfico. Segundo Silva (2015, p. 53), os *s* ortográficos podem manifestar-se oralmente de duas formas, como “fricativas desvozeadas [s, ʃ] quando a consoante seguinte for desvozeada” ou como “fricativas vozeadas [z, ʒ] quando a consoante seguinte for vozeada”.

Exemplos:

s com som de [s]: sapo, sensacional, sexo, seguir, farsa.

s com som de [z]: asa, conclusão, crise, tesoura, desodorante.

s com som [s] ou [ʃ], dependendo do dialeto: vocês, basco, mascar, após, sarcástico.

s com som [z] ou [ʒ], dependendo do dialeto: esmagar, asma, rasgado, asno, islã.

Algo semelhante acontece, mas de forma mais crítica, com o *x*. O *x* ortográfico, como aponta Bechara (2009), pode se apresentar com cinco valores, sendo eles *ch*, *cs*, *z*, *ss* e *s*, o que corresponde foneticamente a quatro sons distintos: [s], [ʃ], [z] e o encontro consonantal [ks].

Exemplos:

x com som [s]: sintaxe, texto, máximo, extinção, externo.

x com som [j]: faxina, xícara, xadrez, xereta, enxugar.

x com som [z]: exímio, exato, exemplo, exército, exótico.

x com som [ks]: anexo, xerox, táxi, boxe, axila.

4 Problemas decorrentes da multiplicidade de representações gráficas de um mesmo som

Um dos grandes problemas da multiplicidade desnecessária de representações gráficas para um único som está na dificuldade de aprendizado decorrente desse fenômeno, que, por sua vez, exige do aluno e dos professores esforços excessivos em correções de elementos sem base suficientemente lógica, ao passo que o tempo dispensado a essas atividades poderia ser usado para trabalhos mais reflexivos.

Comprovando esse fato, Zorzi (2008) relata os resultados de um estudo feito a partir de produções textuais de 514 crianças sobre alguns dos principais erros ortográficos oriundos da relação som-grafema entre alunos de primeira a quarta série do primeiro grau, atual Ensino Fundamental I, e traz números bem interessantes sobre o problema da multiplicidade de representações de alguns sons. Entre os 21.196 erros diagnosticados, o autor expõe que

os erros decorrentes da possibilidade de representações múltiplas são os mais frequentes, correspondendo a 47,5% do total. Em segundo lugar aparecem os erros causados por apoio na oralidade, com 16,8%. Em terceiro lugar, as omissões de letras correspondem a 9,6% do total. Em quarto lugar, os erros por junção ou separação incorreta das palavras têm uma ocorrência de 7,8%. Em quinto lugar, com uma ocorrência de 5,2% aparecem os erros por confusão entre *am* e *ão*. Em sexto lugar, vêm as generalizações, com uma frequência de 4,6%. Em sétimo lugar surgem as trocas surdas/sonoras que estão sendo enfocadas neste artigo, com uma ocorrência de 3,8% do total de erros. Os erros por acréscimo de letras ocupam o oitavo lugar, com um índice total de 1,3%. O nono lugar fica ocupado pelas confusões entre letras parecidas, com uma frequência de 1,3% do total de erros. As inversões correspondem à décima posição, atingindo somente 0,6% do total de erros produzidos pelas crianças. Finalmente, os erros considerados como outras alterações corresponderam a 1,2%. (p. 3-4)

Ainda nesse estudo, Zorzi (2008, p. 4) constata que, entre os dez tipos de erros estudados, apenas a multiplicidade de representações gráficas apresenta-se como um problema na escrita de 100% dos alunos, com uma presença média de “35,2 erros em média por aluno na primeira série, 21,1 na segunda, 14 na terceira e 8,5 na quarta série”.

A partir dos dados apresentados, podemos constatar que, como os erros de escrita derivados da multiplicidade em questão são constantes, embora apresentem reduções durante o percurso escolar, eles fazem com que o processo educativo do Ensino Fundamental I, no que se refere à língua materna, tenha que destinar tempo e esforços em demasia para que os alunos internalizem palavras sob um modelo caso a

caso, pois, para que esse modelo não fosse utilizado, seria necessária a abordagem etimológica dos termos, o que seria algo absolutamente inviável.

Mas as questões relativas ao ensino não são os únicos nem os mais graves problemas relacionados ao tema discutido neste texto. O preconceito linguístico aplicado à língua escrita, parcialmente oriundo do fenômeno da multiplicidade de representações gráficas, tornou-se, principalmente após o intenso aumento do uso da internet, um grave infortúnio para nossa sociedade. Isso se deve, em primeiro lugar, à aplicação dos princípios sociolinguísticos apenas à norma falada da língua, o que traz à tona a ideia de que desvio de escrita é sinônimo de inferioridade cultural, social e política, transformando as normas em recurso de imposição de poder dotado da capacidade de invalidação do discurso alheio.

Santos (2017) avalia essa questão com base em um vídeo do quadro “Não seja Burro!”, da humorista e youtuber Marcela Tavares. Ao analisar um trecho específico do primeiro vídeo da série, que possui mais de dois milhões e duzentas mil visualizações, em que Tavares critica severamente a forma gráfica *esseção*, como representação alternativa para a palavra *exceção*, Santos (2017, p. 86) aponta que,

ao tratar sobre a grafia “esseção”, a humorista Marcela Tavares pergunta ao interlocutor qual o motivo de as pessoas escreverem exceção como esseção, uma vez que, segundo a regra ortográfica, essa palavra não é escrita com dois “s”. Como explicação, diz que isso ocorre porque, ao não saber a grafia correta, os falantes inventam uma outra, que Tavares considera inadequada. Ao dizer que “exceção não se escreve com dois s”, Tavares condena a forma gráfica “esseção” como errada, na tentativa de interditar seu uso em favor de uma forma “correta” (exceção). Além disso, sua fala “por que que as pessoas fazem isso então? inventa... inventa... ah eu acho que é com dois s...”, a humorista argumenta que “esseção” é uma invenção, infundada, porém, esse registro caracteriza a tentativa de acerto do falante em meio a diversas possibilidades de registro do som [s].

Com isso, podemos perceber que a multiplicidade de representações escritas do [s], citada no texto de Santos, serve, no vídeo de Tavares, como recurso para a redução da figura do indivíduo que desconhece a forma escrita socialmente aceita e que escreve *exceção* errado, promovendo, sem qualquer medo de represálias, uma forma profundamente humilhante de preconceito. Ao concordar com manuais de uso correto da língua e estar respaldado pelo convencionalismo elitista defendido pela maior parte da elite intelectual brasileira, o discurso de Tavares tem, portanto, aparente legitimidade.

5 Discussão

A problemática da ortografia não é algo excepcionalmente novo nas discussões de natureza gramatical e linguística, mas também não é levada a sério como deveria. Em alguns momentos, os debates sobre o assunto aparentam ignorar que um sistema ortográfico excessivamente distante do ideal – sendo que um único som do português, [s], chega a apresentar até dez variantes gráficas – pode representar, além da

legitimação de sérios preconceitos linguísticos, incoerências em nossa expressão escrita da língua, em nome de tradições que não se fundamentam logicamente, como podemos observar analisando as perspectivas de alguns especialistas.

Como exemplo, temos a crítica de Bechara (2009, p. 53), que afirma que a ortografia do português “se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal”. O gramático indica, ainda, outros três fatores para que o sistema ideal não seja alcançado: a adoção de um alfabeto latino, que nem sempre é capaz de atender os fonemas de línguas modernas; as mudanças crônicas da língua após a adoção do alfabeto latino; e a adoção de critérios excessivamente distintos para a criação de regras ortográficas, oscilando entre critérios fonéticos, fonológicos e etimológicos.

O mesmo autor, ao falar sobre dificuldades ortoépicas do português – comprovando que a falta de critérios lógicos, de certo modo, prejudica também estudos de tendência reacionária – aponta para uma das causas dos problemas que encontramos na representação das fricativas sibilantes da nossa língua, afirmando que “certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas” (BECHARA, 2009, p. 84). Bechara, em seguida, ainda aponta para o exemplo do dígrafo *sc*, que pode levar a inadequações de pronúncia, sendo que a mesma lógica se aplica para as formas *s*, *x*, *c*, *xc* e *xs*. Por esse ponto de vista, podemos perceber que problemas desse tipo podem ter como consequência a inversão da ordem natural de qualquer língua natural, ou seja, fazer com que a escrita passe a ser referência para a fala.

Com base nesses pontos e nos fatos apresentados anteriormente, podemos perceber que o sistema ortográfico praticado no Brasil, especialmente no que se refere às consoantes fricativas sibilantes, não corresponde à realidade da língua falada, tratando-se, portanto, de um convencionalismo baseado em tradições e elitismos sem devido levantamento de critérios fundamentados científica ou filosoficamente. Para a resolução desse problema, faz-se necessária a comoção de estudiosos dispostos a refletir, a partir de métodos científicos, sobre a possibilidade de mudanças ortográficas capazes de aproximar de um sistema ideal a ortografia atual do português brasileiro, satisfazendo, assim, as necessidades de modernização de uma língua natural.

6 Proposta de intervenção

O grande problema intrínseco às regras de escrita é sua artificialidade, visto que, com exceção da correspondência à fala, todos os aspectos são definidos por convencionalismo. No entanto, seria possível a criação de regras capazes de tornar o sistema escrito mais condizente com questões lógicas, tornando o aprendizado e o uso da norma escrita da língua mais efetivos e próximos de uma realidade científica.

No caso das representações gráficas dos fonemas [s], [z], [ʃ] e [ʒ] na língua portuguesa se apresentarem como uma opção válida de intervenção para o problema, a ser considerada por especialistas responsáveis por efetivar as mudanças propostas, poderíamos reduzir significativamente suas atuais possibilidades de escrita e torná-las mais racionais. Para isso, um primeiro passo seria a extinção do uso de *z*, *c*, *x*, *xc*, *xs*, *ç*,

sç e *sc* com som [s], por serem perfeitamente substituíveis pelas formas restantes. Dentro da mesma lógica reducionista, o *s* e o *x* como [z], o *x* como [ʃ] e o *g* como [ʒ] também poderiam ser facilmente eliminados, tornando o processo comunicativo por via escrita mais pragmático. Com isso, poderia se tomar como regras processos mais objetivos, como os descritos a seguir.

- Todo [s] em começo de palavra isolada, em final de palavra isolada e em final de sílaba seguida por consoante se tornaria *s*: *susto*, *lápis*, *siclista* (ciclista), *sesta* (cesta), *serto* (certo), *rapás* (rapaz).

- Todo [s] localizado entre vogais se tornaria *ss*: *assalariado*, *cassete* (cacete), *sintasse* (sintaxe), *essessão* (exceção), *essolver* (exsolver), *nasser* (nascer), *nassa* (nasça), *pissina* (piscina).

- Todo [z] em palavra isolada se tornaria *z*: *azul*, *ezistênsia* (existência), *aza* (asa), *caza* (casa), *azilo* (asilo).

- Todo [ʒ] se tornaria *j*: *jiló*, *jelo* (gelo), *flajelo* (flagelo), *jis* (giz), *májico* (mágico), *jirafa* (girafa).

- Todo [ʃ], com exceção daqueles pronunciados em final de sílaba em algumas variantes do português, como a carioca, se tornaria *ch*: *chácara*, *chícara* (xícara), *chadrês* (xadrez), *enchurrada* (enxurrada).

- O *c* passa a ter como única função o som [k]: *cachorro*, *paca*, *coelho*, *acudir*, *acuzassão* (acusação).

- O *g* passa a ter como única função o som [g]: *gato*, *garganta*, *gongo*, *guru*, *gostar*, *água*, *gota*.

- O *x* passa a ter como única função o som [ks]: *sexo*, *sexajenário* (sexagenário), *cherox* (xerox), *saxofone*.

Nessa proposta de regras, as correspondências sonoras tornam-se reduzidas, tornando a relação lógica grafema-som bastante próxima do ideal, sendo, portanto, também próxima de uma representação científica. Contudo, com as mudanças, por conta da extensa literatura em que as regras atuais se embasam, as variantes propostas deveriam ser rapidamente apresentadas durante o período escolar como possibilidades de representações sonoras encontradas em textos antigos, tendo como finalidade o uso instrumental para a leitura.

7 Considerações finais

Partimos, neste texto de caráter expositivo-reflexivo, de uma contextualização sobre questões ortográficas gerais referentes à língua portuguesa, passamos por uma breve história da ortografia do português, baseada em Mateus (2006), e descrevemos as formas como os fonemas [s], [z], [ʃ] e [ʒ], sons de representação gráfica mais complexa na língua, aparecem na escrita. Então, a partir da observação da complicada pluralidade de representações gráficas das consoantes fricativas sibilantes do português brasileiro, buscamos observar a falta de lógica e de clareza dos critérios utilizados para a composição das convenções ortográficas no português brasileiro, fatores que nos levaram a perceber o caráter arbitrário da língua escrita.

Com isso, procuramos refletir sobre as causas desses problemas, levantando observações feitas por Bechara (2009), e apontar algumas das graves consequências de não se ter um sistema ortográfico criteriosamente organizado. Após essa reflexão, propusemos uma genérica, porém válida, proposta de intervenção intelectual para a resolução das questões sugeridas no presente texto, destacando a necessidade da comoção de estudiosos da língua e ressaltando a importância da reflexão crítica sobre a possibilidade da modernização cientificamente embasada da língua oficial do Brasil.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- HAUPT, Carine. “As fricativas [s], [z], [ʃ] e [ʒ] do português brasileiro”. *Estudos Linguísticos*, 36 (1), p. 37-46. janeiro-abril, 2007. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/03.PDF>>. Acesso em: 16 out. 2018.
- MATEUS, Maria Helena Mira. “Sobre a Natureza Fonológica da Ortografia Portuguesa (À propos de La Nature Phonologique de l’Orthographe Portugaise)”. *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 159, Jun. 2006. ISSN 1982-0534. Disponível em: <<http://estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/41/80>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- NÃO SeJA Burro!. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2016. (6 min. 27 seg.), son. color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=104s>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- SANTOS, Larissa Bueno dos. “Não seJA burro!: o purismo linguístico e a reprodução do preconceito no discurso de Marcela Tavares”, in: Simpósio Regional de Profissionais de Línguas, Linguística e Literatura em Formação, 1., 2017, UFSCAR - São Carlos/SP. *Telescopium*, São Carlos/SP, 2017, p. 80-88. Disponível em: <www.telescopium.ufscar.br/index.php/plllif/plllif/paper/download/135/135>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- ZORZI, Jaime Luiz. “As trocas surdas sonoras no contexto das alterações ortográficas”. *Soletras*. n.15. n.p. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4886/3611>>. Acesso em: 6 set. 2018.